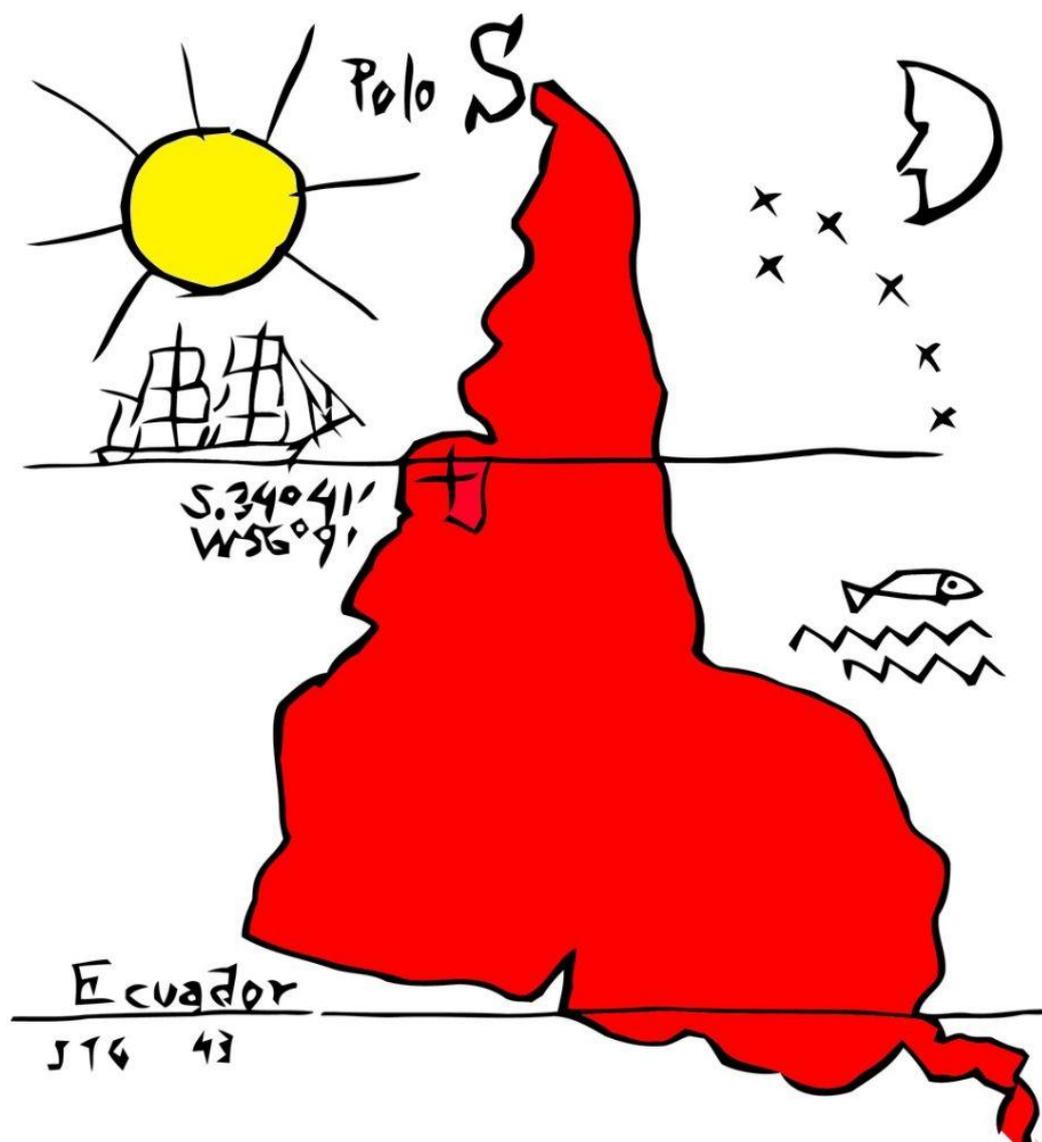


# Colóquio de Economia e Geopolítica do Sistema-Mundo



América Invertida, desenho de Joaquín Torres García, feito em 1943.

## **SOBRE AS ÁGUAS QUE BANHAM A HISTÓRIA: UM ESTUDO DO ARAGUAIA E DA IMPORTÂNCIA DOS RIOS NO SISTEMA-MUNDO.**

## **OVER THE WATERS THAT BATHE HISTORY: A STUDY OF THE ARAGUAIA AND THE IMPORTANCE OF RIVERS IN THE WORLD-SYSTEM.**

*Wisley Micael Soares da Silva* 

**Resumo:** A construção da vida social, que deu origem às diversas nações por todo o planeta, demandou duradouras e complexas relações, o que implicou na construção de uma intensa rede de trocas intelectuais e materiais. Sob essa ótica, Immanuel Wallerstein desenvolve sua teoria dos sistemas-mundo baseada em toda uma gama de interdependências entre povos e nações, que pela união das bases econômicas, políticas e sociais se compreendem em uma realidade própria. Dessa forma, observar regiões distintas pelo mundo implica em antes percebê-las como integrantes de um mesmo conjunto complexo, que ao mesmo tempo refletem e assimilam aspectos de uma realidade influente. Assim sendo, este artigo busca analisar o rio Araguaia como integrante desse sistema-mundo, observando suas características evolutivas gerais e como se correlacionam a outros rios pelo mundo, como o Nilo (África), o Danúbio (Europa) e o Mississippi (América do Norte). O trato das obras de distintos tempos e autores auxiliará a compreender como cada pequeno aspecto da vida se faz presente em diversas regiões, em como cada um dos rios fora fundamental para construção dos meios sociais que os margeavam.

**Palavras-chave:** Agricultura. Cerrado. Conflitos históricos. Navegação. Política.

**Abstract:** The construction of social life, which gave rise to diverse nations throughout the planet, required enduring and complex relationships, leading to the development of an intense network of intellectual and material exchanges. From this perspective, Immanuel Wallerstein develops his world-system theory based on a wide range of interdependencies among peoples and nations, which, through the integration of economic, political, and social foundations, are understood as a distinct reality. Thus, observing different regions worldwide implies first perceiving them as part of the same complex ensemble, simultaneously reflecting and assimilating aspects of an influential reality. Therefore, this article seeks to analyze the Araguaia River as a component of this world-system, examining its general evolutionary characteristics and how they correlate with other rivers worldwide, such as the Nile (Africa), the Danube (Europe), and the Mississippi (North America). The examination of works from different times and authors will help understand how each small aspect of life is present in various regions and how each of these rivers was fundamental to the construction of the social environments along their banks.

**Keywords:** Agriculture. Cerrado. Historical conflicts. Navigation. Politics.

## **INTRODUÇÃO**

Ao se pensar as características próprias do desenvolvimento físico e social de uma região, encontram-se pormenores ligados especificamente a conceitos menos palpáveis quanto os observados à primeira vista. A visão magistral de uma grande fortaleza, de uma velha cidade

ou da vastidão de uma cadeia de montanhas só se valerá a partir do momento em que se busca conhecer suas especificidades.

Quantas foram as batalhas travadas para além daqueles portões? Quantos anos vividos até finalmente se encerrar o período de seca? Quantas árvores derrubadas a fim de construir um edifício comercial? São questionamentos genéricos, mas que conseguem demonstrar a relevância de acontecimentos mínimos para a construção de um mundo mais amplo, expandindo uma visão inicialmente simplista para uma análise futura mais aprofundada.

É nesse sentido que o historiador francês Fernand Braudel nos apresenta, na prática, esta ideia de pequenos eventos que criam um mundo, observando, através da construção da obra “O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II”, como questionamentos podem transformar uma visão. Inicialmente o pensamento do autor se centrava em abordar a história política espanhola em um recorte temporal do século XVI, porém, ao observar todas as minúcias e as interligações da vida humana com o mediterrâneo o autor foi se voltando gradativamente a esta temática, observando o espaço para além da vastidão de suas águas.

Desta forma, consegue-se utilizar certas bases como as de Braudel para compreender o ambiente que cerca a humanidade, facilitando o entendimento de cada lugar como um mundo próprio, envolvido por um todo muito mais amplo, onde ao mesmo tempo que se engloba características semelhantes, permite diferenciações únicas para cada pequeno espaço. Acerca dessa visão de um mundo unificado e utilizando de bases teóricas do próprio Fernand Braudel é que se desenvolveram os paradigmas para a chamada “teoria do sistema-mundo”, que visa observar semelhanças e divergências entre cenários sociais e físicos distintos.

Em linhas gerais, a teoria desenvolvida no princípio da década de 1970 por Immanuel Wallerstein surgiu como uma abordagem que enxergava o mundo como um sistema interconectado, no qual as relações econômicas, políticas e culturais ocorriam em uma escala global. (Wallerstein, 2004, p. 16). Assim sendo, buscava perceber certas distinções mínimas que caracterizavam certos povos e locais dentro de um núcleo social, político, cultural e econômico próprio, que se utilizam de uma mesma base para observar a realidade de uma forma completamente diferente.

Cada povo se construía através de suas próprias métricas, encontrava em suas zonas de fixação problemas e facilidades que justificavam cada mínima mudança histórica, fazendo assim um mundo consonante a suas próprias necessidades. Com o decorrer dos séculos, entrariam em rota de descobrimento e convergência com realidades alheias, o que por vezes

justificaria seus meios e fundamentaria certos padrões de crescimento que se repetiam minimamente em cada local.

A partir desse conjunto de teorias se faz possível observar diversos espaços de evolução da humanidade, auxiliando a percepção de certos padrões já citados anteriormente. Como base, pode-se partir de um espaço que sem sombra de dúvidas fora o mais importante para o firmamento e o desenvolvimento de vilas, grandes reinos e modernas metrópoles, os rios. Sem água não há vida, não podendo controlá-la, a melhor opção é desenvolver uma aliança duradoura, utilizando de seus cursos naturais para o transporte, para o comércio e para a manutenção da vida em geral.

Desde a antiguidade, quantas foram as menções à importância das águas para a construção da vida humana, textos escritos em cada canto recluso do planeta elucidam o poder das águas para influenciar o curso da história. Fossem poetas e filósofos buscando o cerne da vida, grandes cronistas tecendo suas narrativas através do fluxos dos rios ou acadêmicos que se voltavam à tecnicidade do uso das águas para economia e política, todos contribuíam para a compreensão da importância dessas rotas fluviais.

Sob essa ótica, se faz possível encontrar as já citadas similaridades em cada um dos rios que banham as diversas nações por todo o mundo, que mesmo guiadas por realidades opostas, descendem de uma mesma figura natural. Dessa forma, podem se criar paralelos entre espaços tão distintos como o Nilo, o Danúbio, o Mississipi, o Araguaia e tantos outros rios do planeta, que mesmo separados por quilômetros de distância conseguem compartilhar certas particularidades<sup>1</sup>.

Assim sendo, o estudo dessas particularidades se faz válido a partir do uso da teoria do sistema-mundo, onde a concepção de cada mudança como parte em um contexto maior

---

<sup>1</sup> Mesmo não tendo participação direta no debate aqui proposto, grandes rios orientais também compartilham das mesmas capacidades de influência às vidas e às histórias de suas sociedades, a exemplo do rio Amarelo chinês e de seus ciclos de cheia devastadores. Graças a sua geografia privilegiada, composta de córregos, riachos, pântanos e lagos, a sociedade chinesa encontrou possibilidade de se estabelecer no centro de seu território, às margens dos rios interiores, longe de sua região marítima (Wood, 2022, p. 28). Entretanto, os benefícios diretos dessa fixação ao longo do rio Amarelo só seriam verdadeiramente observados a partir do estabelecimento de um Estado fortificado, que fosse capaz de contornar o caos gerado por suas grandes enchentes. Cada nova dinastia teve de aprender a lidar com o caráter mutável do rio, desenvolvendo a política e as bases da sociedade para se adaptar a suas realidades, incentivando grandes evoluções religiosas e arquitetônicas. Se tratando da realidade enfrentada pelo povo chinês ao longo dos anos, o rio se manteve classificado como um “assassino imprevisível”, ceifando a vida de milhares de indivíduos em cada grande ciclo de cheias, ocasionando o enfraquecimento dos impérios vigentes em cada recorte temporal (Wood, 2022, p. 29). Sob essa ótica, a observação do rio Amarelo reafirma a importância das águas para a manutenção das sociedades, principalmente quanto a seu papel social e político.

consegue viabilizar a compreensão necessária para esses pormenores. Gerando um entrelaçamento lógico entre política, economia e sociedade que permite uma análise ampla de cada espaço estudado, apresentando as mesmas bases que se refletem em cada região como parte do mundo que as cerca.

A tese da análise dos sistemas mundiais é direta. As três supostas áreas da ação humana coletiva – a econômica, a política e a social – não são áreas autônomas da ação social. Não tem “lógicas” separadas. O entrelaçamento de imposições, opções, decisões, normas e “racionalidades” é tal que nenhum modelo útil de pesquisa pode isolar “fatores” de acordo com as categorias do econômico, do político e do social e tratar apenas um tipo de variável mantendo implicitamente as outras constantes. (Wallerstein, 1999, p. 453).

A fim de favorecer o debate teórico e embasar a pesquisa quanto ao Araguaia como participe de um cenário social mais amplo, se faz necessário o entrelaçamento filosófico entre obras de autores e historiadores diversos, que justificam a análise dos sistemas mundo proposta por Immanuel Wallerstein. Dessa forma, se pode validar as rotas e os fins alcançados pela modernidade, onde os impactos de um amplo mercado capitalista se propagaram em um cenário social e político diverso, se expandindo e assimilando gradativamente toda fração do planeta.

Tomando conhecimento da importância dos sistemas mundiais para a compreensão das características próprias de cada região, se faz possível destrinchar cada espaço a fim de traçar seus paralelos evolutivos. Obedecendo uma ordem de participação histórica, observemos a relevância dada para alguns rios espalhados pelo mundo, seguindo um fluxo narrativo que terminará por “desaguar” nas terras brasileiras, em seu majestoso Araguaia.

## **O MUNDO E AS ÁGUAS: DEUSES, GUERRAS E O FLUXO DA HISTÓRIA**

O berço da humanidade, tido pela historiografia como a origem fundamental da vida humana experimentada na atualidade, o continente africano figura como o cenário mais relevante para se compreender os primeiros passos evolutivos das sociedades. Seja na escrita, na agricultura, nas técnicas e na cultura geral, destacam-se diversas nações e suas várias contribuições, porém a maior se localiza no norte continental, uma faixa territorial banhada por parte de um longo e imponente rio.

Guiado por divindades diversas e principalmente por seu representante máximo na terra, o Egito figurou por anos como uma das mais importantes nações do mundo antigo, com sua influência perceptível em diversos setores da vida humana. Sendo referência direta para o desenvolvimento de técnicas de agricultura, de escrita, medicinais e arquitetônicas, desenvolvendo-as principalmente graças a uma figura central, o rio Nilo.

Encravado em meio ao ambiente hostil do deserto do Saara, o Nilo e suas margens de terra, verdejantes de cultivos, dão ao Egito o aspecto de um oásis esticado. E como tal, parece ser um genuíno milagre natural. Na mentalidade religiosamente regulada de seus antigos habitantes, tratava-se de um milagre operado pelos deuses. (Bakos & Silva, 2017, p. 26).

Atribuída ao historiador Heródoto, a frase “O Egito é uma dádiva do Nilo” apresenta de forma sucinta a real relevância desse extenso canal fluvial para o desenvolvimento do grande império africano. De fato, a relação quase divina entre natureza e humanidade significou uma prosperidade imediata. Para aqueles que se fixavam às margens do rio as cheias providenciavam extensos períodos de colheita, aos que se afastavam, canais eram criados para possibilitar a interação direta com suas majestosas águas.

Tratando ainda de uma visão puramente religiosa, as águas do Nilo eram tidas pelos antigos egípcios como o ponto de origem da vida, local onde, no princípio, emergiu seu deus Sol e pôde dar vida e forma a tudo que se percebia na realidade. Para além de Rá, outras divindades também se ligavam em certo grau ao rio africano, como exemplos simples, Nun representava as águas primordiais enquanto o mundo se via banhado em trevas e Sobek representava a fertilidade e a força vital das águas para a vida humana. Havia ainda a inserção de Ísis para este imaginário, onde as lágrimas derramadas pela morte de Osíris ocasionavam as cheias do Nilo (Bakos & Silva, 2017, p. 27-29).

Fato é que a religião guiava o imaginário quanto àquelas águas, possibilitando um trabalho ricamente integrado entre o desenvolvimento social e intelectual da sociedade, sendo guia e motivação para as principais evoluções observadas no período. O princípio e o fim dos ciclos de cultivo e colheita lembravam os poderes do tempo, como o alvorecer da vida e um fim que em algum momento encontraria qualquer indivíduo, assim sendo, evoluir com as águas significava compreender a própria natureza que circundava a vida.

Tratando sobre os processos de agricultura, estes recortes temporais de recuo das águas traziam grande parte do sucesso comercial e social daquele povo egípcio, auxiliando tanto no abastecimento interno quanto na venda de todo produto excedente. Por se localizar em uma região predominantemente árida, o cultivo só era possibilitado graças a esse movimento natural do Nilo, onde as secas reduziam os níveis da água e deixavam às margens um solo úmido repleto de minerais, que permitiam o desenvolvimento de uma cultura vegetal variada.

Os cultivos de cereais (trigo, aveia, milheto, no Sul) e de linho, exigentes em elementos minerais, alternavam-se com os cultivos de leguminosas alimentares

(ervilha, lentilha), ou forrageiras (trevo de Alexandria), que enriqueciam o solo. (Mazoyer & Roudart, 2010, p. 176).

Para além das margens do Nilo, eram desenvolvidos canais que permitiam o escoamento das águas para outras partes do Egito, o que possibilitava a construção de cidades a partir desse novos cursos d'água. Partindo dessas regiões banhadas por canais e lagos artificiais, novos templos eram erguidos, novos centros de desenvolvimento se fortaleciam e por consequência a evolução social do povo acontecia por todas as partes do território.

Por fim, o Nilo possibilitava ainda uma facilidade para o transporte de mercadorias e de grandes materiais para a construção, funcionando como principal via comercial entre o mediterrâneo e o interior do continente africano. Diversas embarcações de tamanhos variados subiam e desciam as águas diariamente, disseminando as produções locais para outras regiões, porém intensificavam seus trabalhos durante os períodos de cheia. Durante a cheia é que também se punham a transportar os grandes blocos de pedra, indispensáveis à arquitetura local, possibilitando assim a criação de templos, obeliscos e pirâmides.

Para deslocar os pesados blocos de pedra necessários principalmente às construções sagradas, a engenharia faraônica inventou métodos engenhosos, mas de uma simplicidade surpreendente, utilizando, por exemplo, as propriedades derrapantes do limo molhado para deslocar simples trenós (sem rodas nem rolamentos), aproveitando a enchente do Nilo para lançar as barcaças carregadas de enormes blocos ou utilizando esteiras de junco como âncora flutuante. (Yoyotte, 2010, p. 75).

Como marco evolucionário, o Nilo funcionou como catalisador para todas as ambições das nações que dele se beneficiavam, respondendo a todos os chamados de necessidade gerados em suas margens. Notáveis são os avanços culturais, econômicos, tecnológicos e sociais gerados graças aos benefícios trazidos pelo rio africano, na sua falta, todos os desdobramentos agrícolas e arquitetônicos de um povo seriam completamente diferentes dos alcançados.

O trabalho com o papiro para torná-lo uma ferramenta da escrita, a cultura de armazenamento de grãos em silos para os períodos de estiagem, o desenvolvimento de um sistema de irrigação complexo para melhor aproveitar suas águas, tudo viabilizado por uma busca de se utilizar os benefícios da natureza de forma benéfica à sociedade. Técnicas que posteriormente seriam adaptadas e utilizadas por novos povos ao redor do mundo, porém iniciadas graças à força das águas do Nilo.

Tomando novos rumos, encontramos um novo centro de observação ligado a outro grande e importante rio mundial, atravessando o mediterrâneo para finalmente encontrar a nascente de um gigante europeu, o Danúbio.

Com uma extensão aproximada de dois mil e oitocentos quilômetros, o Danúbio figura como o segundo maior rio do continente europeu, banhando um total de oito países que através de suas águas puderam fortalecer a história social e política da região. Quanto a sua relevância, o rio consegue apresentar um novo aspecto para o estudo da vida em sociedade por meio das vias fluviais, ou seja, em como estas conduziram ao progresso social em suas margens e em como cada indivíduo enfrentou os cursos naturais de uma história moderna.

Partindo dessa observação, pensar a complexidade da vida na região se faz uma atividade simplificada, analisar quantos músicos, pintores, poetas, religiosos, imperadores, ditadores e heróis nacionais foram formados naqueles limites auxiliam a compreensão de toda uma relação social e política ali gerada. Tal trato com a vida ajuda a elucidar de forma mais ampla a passagem do tempo e suas nuances práticas, a perceber como a vida se correlaciona diretamente com o espaço a qual está inserida.

Uma viagem através das águas e do tempo, iniciada ao sul do território alemão em suas grandes florestas boreais, mesclada a vivências diversas e findada as margens do mar negro oriental. Um fluxo natural que carrega tantos nomes, dados a ele por filósofos e admiradores através das eras, que por meio desses títulos próprios consegue registrar parte da evolução humana através da natureza e de suas sociedades complexas.

O rio *bisnominis*, como o chamava Ovídio, arrasta a civilização alemã, com seu sonho da odisséia do espírito que volta para casa, para o Oriente e a mistura com outras civilizações, em tantas metamorfoses mestiças nas quais sua história encontra seu acabamento e sua queda. (Magris, 2008, p. 19).

O princípio de sua relevância remonta aos momentos de glória do grande império romano que, através do Danúbio, desenvolvia fronteiras naturais e zonas de fluxo das mais variadas mercadorias. Nos diversos campos arqueológicos às margens do rio, resquícios de fortes, torres, vilarejos, acampamentos e fazendas auxiliam a interpretar como a tomada da região era gradativamente apoiada sobre as águas. Para além das construções permanentes, urnas, armas e adornos ajudam a perceber o curso da história, onde materiais naturais de uma região aparecem espalhados por diversas áreas, justificando toda uma rede complexa de trocas e contatos.

Todas as comunidades arqueologicamente identificáveis no período romano na Europa estavam conectadas em uma extensa rede de contato. A evidência mais clara para o funcionamento dessa rede é a distribuição do bronze, cujos componentes (cobre e estanho) são limitados na natureza. Adornos, ferramentas e armas de bronze demonstram que grandes quantidades desse metal circulavam entre as comunidades em toda a Europa. (Wells, 2005, p. 51).

Aos passos de Roma, outras nações e impérios tomaram para si as margens do Danúbio para registrar seus cursos evolutivos, anexando terras inimigas, guerreando por seus limites e propagando suas próprias visões da realidade. Onde as grandes falanges que outrora marcharam pelo vasto mundo antigo perdem espaço para um novo cenário social e político, centrado em disputas cada vez mais sangrentas e complexas.

Em um mundo voltado ao controle de impérios consolidados após anos de exploração e destruição de diversas colônias, a vida europeia se via vez ou outra cercada por conflitos significativos, centrados em líderes com alto poder de influência. A exemplo de Napoleão Bonaparte (1769-1821), general, cônsul e imperador francês, que após a queda da monarquia francesa passou a expandir o poder e a influência da nação para todo o continente europeu.

Seus combates envolveram nações diversas através daquele mundo antigo, enfrentando impérios consagrados por terra e mar, encontrando as águas do Danúbio em um dos tantos embates travados pela Europa, na chamada capitulação de Ulm. Um conflito travado na cidade de Elchingen, em outubro de 1805, que alcançou a rendição do general austríaco Karl Mack von Leiberich e abriu caminho para a tomada de Viena por parte das tropas napoleônicas.

Dentro dessa ótica combativa, o Danúbio veria ainda desabrochar uma questão nos Balcãs que futuramente encontraria convergência na grande guerra mundial, uma disputa que visava o controle de toda uma região estratégica por parte de cada nação envolvida.

Por vezes tratada como uma parte distante da Europa, ou até como um apêndice para a nações relevantes do velho mundo civilizado, é uma região composta por onze países que se dividem através da região montanhosa ao sul do Danúbio. Sua história é sustentada com longos períodos de disputas políticas e religiosas que aos poucos moldaram os limites de cada nação, comportando grandes impérios que gradativamente ruíram e davam espaço para estados menores, porém ainda combativos interna e externamente.

Nessas terras, tidas como o “barril de pólvora europeu”, a história se divergiu e ao mesmo tempo justificou os ocorridos observados em outros centros urbanos, como uma dança, ritmada a cada erro da humanidade. Foram naquelas terras que milhares de sérvios, ciganos, muçulmanos, judeus e croatas encontraram o fim sangüinário de suas vidas, que Franz Ferdinand daria suas últimas contribuições ao caótico futuro europeu, onde nazistas repartiriam as terras entre aliados sem nenhuma preocupação com as sociedades ali estabelecidas (Alves, 2013, p. 21).

Entretanto, esse rastro de barbárie que se solidifica na região se vê fomentado graças aos preconceitos criados pelo restante da Europa e disseminados ao mundo, originados com piadas e anedotas que restringiam a região a um mero horizonte de caos interminável. Onde pensamentos de um mundo fanatizado reduzem vivências e histórias a pequenos fragmentos preconceituosos, que em larga escala possibilitam a gênese de um mal mais corruptível, como Hitler e sua máquina de guerra que devastou parte considerável daquele mundo.

Nesse ponto, até os atos de uma Alemanha embebida de preconceitos étnicos e raciais acabaria por se verificar nas águas do Danúbio, seja através do sangue ou de admirações constantes. Aqui o fluxo do rio havia presenciado dois dos maiores conflitos humanos, suas margens comportavam grandes centros de extermínio como em Mauthausen, equipamento e mercadorias iam e vinham no rio para fomentar uma sistema devastador, porém, ainda havia sentimentos mais amenos quanto a seu curso natural.

Linz, a capital da Áustria Superior, era a cidade que Hitler amava mais que qualquer outra e queria transformar na mais monumental metrópole danubiana. [...] Nos sonhos do Führer, a ciclópica Linz que ele queria edificar deveria ter sido o refúgio de sua velhice, o lugar para onde ele sonhava retirar-se, depois de ter consolidado definitivamente o Reich milenar. (Magris, 2008, p. 142-143).

Essa dualidade entre o caos e a beleza forma o cerne da figura imponente que é o Danúbio, um caminho natural para o curso da vida e da história, que para além de todas as contradições do mundo humano segue seu curso natural, alheio a conflitos e desavenças tão mundanas.

Talvez essa convergência natural entre homem e natureza funcione perfeitamente para compreender os alicerces de toda uma existência e, desta forma, analisar quão poderosas podem ser as águas do planeta e até mesmo quão fundamentais são os rios para a construção de uma sociedade. Olhando, ainda, para além do desenvolvimento das técnicas, das culturas ou dos embates ferrenhos, tentando buscar os fundamentos de um mundo que avidamente buscava o contato com as águas, que sem elas definhariam em suas próprias vaidades.

Cortando um país por completo, avançando sobre seus vales, suas florestas e suas grandes metrópoles, o Mississippi figura como um dos rios mais importantes de todas as Américas, estando atrelado diretamente a todo o desenvolvimento social dos Estados Unidos. Sendo o quarto rio mais extenso do planeta e tendo uma das bacias mais amplas dentre todas as observadas, foi peça chave para a construção de toda magnitude da nação norte-americanas, estando ligado diretamente ao comércio, à cultura, à expansão e aos conflitos da nação.

Após a chegada de uma nova era de expansões e embates por cada parte do chamado novo-mundo, o rio americano figurou como alicerce estrutural das novas comunidades norte americanas, uma dádiva natural para a quebra de barreiras sociais, políticas e econômicas.

Assim como tantos outros pelo mundo, o Mississippi foi fundamental para estabelecer grandes centros de produção agrícola em suas margens, entretanto, houve uma característica que se sobressaiu quanto ao estabelecimento de comunidades complexas, a navegabilidade. Em um espaço histórico tão centrado na busca por melhores condições para a viabilidade da vida humana, a existência de uma via natural e facilmente navegável significou um salto imprescindível para a fortificação de um grande meio social.

Nos Estados Unidos a pluralidade e a imensidão das paisagens se impõem, nem todas as regiões eram bem servidas de estradas, quanto mais de ferrovias, como no caso da região central e no sul. Assim a navegação pelos rios era fundamental. No caso o Mississippi e seus afluentes descendo do Norte para o Sul era uma, se não, a principal via de comunicação, transporte de pessoas e mercadorias e de integração do país. (Cabral, 2015, p.75).

Por ter uma bacia hidrográfica que compreendia quase 40% de todo o território que futuramente seria entendido como os Estados Unidos (Moore, 1994, p.1), sustentou papel fundamental na conexão entre as primeiras colônias a leste e o distante oeste inexplorado. Suas águas desempenharam funções estratégicas, delimitando colônias, distribuindo mercadorias e fixando culturas, moldando assim os padrões sociais através de suas correntezas.

Graças a seus longos trechos navegáveis, diversos produtos oriundos do cultivo e da caça eram comercializados diariamente, a fim de chegar aos grandes centros econômicos espalhados pelo mundo. Internamente, embarcações auxiliavam no transporte de madeira, tecido e materiais para viabilizar a construção de vilas e povoados, reduzindo drasticamente os impactos econômicos do comércio por comboios ou ferrovias. Entretanto, mesmo sendo uma rota barata e bastante movimentada, ainda enfrentava os problemas da falta de tecnologia para viagens longas, problema sanado apenas com a chegada das embarcações a vapor.

A inserção de novas tecnologias náuticas reduzia o tempo de traslado entre os trechos do rio e seus afluentes, transformando semanas de trabalho em alguns dias de serviço prestado.

Nos navios, o vapor era uma forma de compensar a irregularidade da impulsão a vela e dar mais velocidade, ainda que isso reduzisse, significativamente, a autonomia, já que os primeiros motores e as rodas de pás ainda que muito potentes para os padrões da época não eram muito eficientes. [...] Nos rios as rodas de pás tinham mais utilidade, pois conferiam uma maior manobrabilidade. (Cabral, 2015, p.76).

As grandes evoluções tecnológicas e políticas observadas no trato da navegação dentro das terras estadunidenses abriram espaço para um segundo núcleo de expansão, que competia

diretamente com a crescente malha ferroviária dos anos 1800 (Moore, 1994, p.3). Sua relevância passava a ressoar em diversos campos fundamentais dos EUA, dessa forma o tráfego por toda a bacia do Mississippi fixava-se como fundamental e estratégico.

Essa união entre a chegada de novas tecnologias de transporte, de uma rota extremamente eficiente quanto ao escoamento de mercadorias e a percepção do rio como espaço social e político iria culminar no momento mais decisivo da história estadunidense, o conflito civil-militar conhecido como “guerra de secessão”.

A Guerra Civil, que dividiu a nação na década de 1860, também dividiu o Mississippi. Estrategicamente importante para ambos os lados como uma avenida para navegação e transporte, o Mississippi foi palco de várias batalhas influentes. Com a vitória no cerco de Vicksburg em julho de 1863, a União assumiu o controle de toda a extensão do rio Mississippi. (Raines, 2022, p.1).

O embate que repartiu norte e sul do país entre “união” e “confederados” observou o Mississippi como zona fundamental para alcançar a vitória, “sufocando” economicamente o adversário e impossibilitando quaisquer meios de se fortificar rapidamente. Quanto às motivações, ambos os lados possuíam visões distintas em relação à evolução social e econômica do país, principalmente se tratando da questão escravocrata que ainda persistia vigente em certos estados do EUA<sup>2</sup>.

Por ser uma região dominada pelo sistema de plantation e de baixo desenvolvimento industrial, os estados confederados do Sul viram no Mississippi uma esperança de alcançar seus objetivos e equilibrar um conflito militarmente desigual. Sob essa ótica, as novas tecnologias de transporte a vapor foram adaptadas para o combate, equipadas com metralhadoras e cascos metálicos, adaptadas para atendimento médico, e principalmente, remanejadas para pontos estratégicos (Cabral, 2015, p.77).

Após longos meses de embate e centenas de combatentes mortos, a batalha de Memphis abriu caminho pelo Mississippi para que as forças da união pudessem conter a ofensiva confederada, tomando Nova Orleans e avançando até Vicksburg. Rio acima, os conflitos foram centrados em desmontar os centros de organização e inteligência das tropas sulistas, atacando pontos estratégicos e enfraquecendo a ofensiva rebelde, viabilizando o fim da guerra civil.

Em 1862, o Esquadrão de Farragut conquistou New Orleans. Após a batalha, parte da frota começou a subir o rio a fim de destruir o que restava da frota inimiga e controlar

---

<sup>2</sup> Se faz necessário destacar que o abandono dos meios escravocratas proposto após a eleição de Abraham Lincoln (1860) não extinguiu a segregação enraizada no país, questão que só viria a ser minimamente solucionada com os movimentos pelos direitos civis na década de 1960 e a abolição das chamadas “Leis Jim Crow”.

as principais cidades as suas margens. [...] A ofensiva culminou com a Campanha de Vicksburg (1862/63), que teve uma série de desdobramentos até que as forças rebeldes fossem completamente neutralizadas. [...] A vitória na Batalha de Memphis marca o domínio da União sobre o Mississippi e o fim da frota fluvial Confederada. (Cabral, 2015, p.82-83).

De fato, o breve recorte observado auxilia a percepção de como o Mississippi era indispensável quanto à vida social da nova nação norte-americana, como uma zona de integração entre a adaptação e a evolução da vida humana moderna. Ao passo que, sem romper suas barreiras naturais, por meios físicos e intelectuais, provavelmente a grande potência mundial reconhecida após o século XX seria apenas mais um estado de conflitos e incertezas.

Saber interpretar os benefícios e cooperar com o papel da natureza talvez tenham sido um dos principais êxitos humanos observados na região, percebendo o rio como um caminho único e próprio para a fortificação da sociedade. Uma ferramenta de enriquecimento social e cultural indispensável para a compreensão de sua história recente, que integrou todo um povo graças aos “braços” naturais de sua terra.

### **O GRANDE TRAJETO: CONSTRUÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA DO ARAGUAIA**

Tendo observado previamente rios tão importantes para o desenvolvimento de diversas sociedades ao redor do mundo, encontramos por fim o Araguaia, o grande caminho que corre do centro do Brasil até se encontrar com o seu irmão Tocantins. Com uma extensão aproximada de dois mil e seiscentos quilômetros, simboliza toda a evolução, a resiliência e a beleza do bioma em que se encontra, o Cerrado.

Cercado de culturas, vivências e conflitos diversos, a história do Araguaia surpreende todo aquele que se propõe a observá-lo, a conhecê-lo de sua nascente até sua confluência. Muitos foram os escritores e viajantes que se dedicaram a narrar a vida pelo rio através das décadas, que o perceberam como parte fundamental de uma região que buscava se firmar social, política e economicamente.

Figurando como um dos mais antigos relatos sobre a região, José Vieira Couto de Magalhães investiu parte do tempo disponível antes de assumir o cargo de presidente da província de Goiás para conhecer a região, com uma viagem de trinta e cinco dias por parte do Araguaia. Dentre suas motivações, Magalhães via no rio uma zona de desenvolvimento estratégica para o interior do país, possibilitando uma integração comercial fluvial com várias praças ao norte da nascente e principalmente com uma saída para o mar, assim como no Mississippi estadunidense.

Já em 1863 Couto de Magalhães via nesse caminho natural a oeste da capital uma forma de expandir a grandeza do país, explorando um espaço geográfico que só receberia atenção décadas depois de sua viagem, porém, que ainda não daria a mesma importância ao Araguaia.

Entretanto, graças aos diversos relatos e canções desenvolvidas acerca da figura do Araguaia é que podem se firmar as bases históricas para o estudo de sua relevância, como uma janela para o passado e o presente de suas poderosas águas.

Tratando sobre as especificidades da região, o Araguaia funciona desde 1988 como limite natural para quatro estados da federação - Goiás, Mato Grosso, Tocantins e Pará – ligando-os por suas margens inconstantes. Seus ciclos de cheia e seca funcionam para criar o que talvez seja a característica mais memorável do rio, o surgimento de praias, ilhas e pequenas lagoas sazonais, que interferem diretamente na vida social e natural que margeia o rio.

As lagoas do Araguaia em nada se parecem com as outras que temos pelo nosso interior. Eis, mais ou menos, seu aspecto: - no meio dos cerrados o viajante depara com uma vasta clareira de campinas vastíssima, no centro da qual existe uma bacia, ordinariamente redonda ou oval, mais ou menos cheia de água segundo a estação. As margens são de gramíneas, que se distribuem em famílias. (Magalhães, 1975, p. 99).

O espaço mais marcante de toda extensão do rio talvez seja a chamada “ilha do bananal”, localizada entre o Araguaia e seu afluente Javaés, figura como a maior ilha fluvial do mundo com seus aproximados 20.000 Km<sup>2</sup>. Para além de um marco de imponência da natureza, a ilha ainda é local de morada e manutenção da vida de três comunidades indígenas, os *Carajás*, os *Jaraés* e os *Avá-canoeiros*. Politicamente, se apresenta para o debate social e ambiental na história do Brasil desde os primórdios do século XX, envolvida na “Marcha para o oeste” de Getúlio Vargas e principalmente na operação bananal de Juscelino Kubitschek (Borges, 1987, p. 358-364).

Fato é que o século XX apresentou as mudanças mais significativas para o centro-oeste brasileiro, tendo o Araguaia como uma das ferramentas para se progredir econômica e socialmente. Como área de interesse primária, a agricultura se beneficiaria graças à facilidade de irrigação, utilizando do curso do rio para viabilizar a produção agrícola de arroz, mandioca, feijão e milho (Arrais *et al*, 2016, p.42). Quanto ao trato da água para o cenário agrário, foram necessários o emprego de alguns projetos e iniciativas políticas nacionais, a fim de evitar grandes danos ao agricultor e à natureza.

Uma destas iniciativas foi o projeto “Formoso”, aproveitando o rio para irrigar 30,000ha para plantio de arroz. [...] Concepção original de aproveitamento das enchentes foi feita por alguns rizicultores, que aproveitaram o caminho natural da

enchente para irrigação. Com trator comum de pneus levantou muretas de um metro de altura e montou um sistema rústico de comportas que permite a entrada da água de enchente (depois do plantio) ou a saída para a secagem e a colheita (Borges, 1987, p. 372).

Como zona de interesse para a agricultura, destaca-se o “vale do Araguaia” na região leste do Mato Grosso, localizado entre os rios Araguaia e Xingu. Para o mercado brasileiro, o espaço que compõe essa zona de expansão econômica é tratado como “a nova fronteira agrícola”, principalmente por conta dos níveis de cultivo do grão de soja, que mantém índices elevados de produção e produtividade desde o ano de 2005 (Aprosoja, 2020).

Para além do emprego direto das águas na plantação, o Araguaia funcionava como um ponto de escoamento para o transporte de pessoas e de mercadorias, conectando as diversas populações ribeirinhas ao comércio produzido na região. Vencidos os percalços de se transitar pela bacia do rio - principalmente por conta de suas corredeiras e de sua dinâmica de cheias e secas - tropeiros, religiosos, viajantes e comerciantes utilizavam de embarcações privadas e botes autônomos para transpor o rio e alcançar seus objetivos pessoais e comerciais (Arrais *et al*, 2016, p.13-14).

As feições do Vale do Rio Araguaia são intimamente ligadas à dinâmica pluvial. No período de chuvas, o canal do rio é alargado, podendo chegar a mais de 2km. Nas cheias, aparecem os lagos de grandes extensões alimentados pelo transbordamento. No período das secas, surgem inúmeras praias e ilhas aluvionais. Essa simbiose entre o relevo e água, entre áreas secas e áreas úmidas formam uma dinâmica que influenciou o cotidiano e as atividades econômicas nas margens desse rio. (Arrais *et al*, 2016, p.15).

Através dessa navegação, vilas encontraram caminho próspero para o progresso de toda a região, desenvolvendo um marco estratégico para a construção social do oeste brasileiro em um cenário repleto de desafios geográficos.

Quanto a sua relevância histórica, a navegação influenciou ainda na relação das novas comunidades com os diversos povos originários dispostos ao longo do Araguaia, entrelaçando suas vivências através da cooperação e do terror. Dentre os vários retratos desse mundo dual, firmado através de desconfianças e mentiras, Manoel Buarque apresenta em seu diário de viagem exemplos distintos do convívio humano as margens do rio.

Acerca das primeiras observações, o autor aborda a história de Antônio português, que funcionava à época como um exemplo de periculosidade do povo *Apinagé* e exaltação a fé cristã. Em linhas gerais, todo o fato se discorreu através de provocações proferidas por Antônio, que dizia matar “índios” com facilidade, sabendo dessa afirmativa um pequeno grupo de *Apinagés* partiu ao encontro do homem, entretanto, foram persuadidos e mortos por Antônio.

Após alguns dias, retornaram atrás de vingança por seus homens mortos, que encurralaram o fazendeiro e por um acaso do destino não conseguiram finalizá-lo, porém, o que se popularizou entre os cidadãos era que na verdade Nossa Senhora da Conceição o havia protegido (Buarque, 2022, p. 104).

Seu segundo relato apresentava o trabalho mais direto dos novos exploradores contra os povos do Araguaia, uma face oposta ao caráter vilanesco atribuído aos indígenas à época. Se aproximando de uma região conhecida como Riozinho descobriu o trato dado pelos seringueiros às comunidades locais, que destruíam roças e assentamentos, matavam indivíduos e tomavam posse da terra a fim de explorar cauchos para extração do látex. (Buarque, 2022, p. 129).

Como último aspecto dessa convivência, um olhar para Barreira Branca, povoado dos Carajás, local que para além de sua moradia, funcionava como porto, zona de troca e de convivência dos que se dispunham a realizar o trajeto no Araguaia, subindo ou descendo o rio. Na região eram comercializadas diversas mercadorias, dentre elas, bananas, batatas, cana, terçados, munição, fumo e utensílios variados (Buarque, 2022, p. 153).

Um olhar sobre essa concepção da vida social do século XX ajuda a traçar paralelos quanto a dimensão do país, onde nesse mesmo princípio de século regiões distintas do Brasil contemplavam realidades tão opostas. Enquanto o jovem oeste buscava firmar sua relevância nacional, a região sudeste se encontrava banhada por um cotidiano que rotineiramente importava discordâncias e incertezas de um velho mundo europeu.

Ainda sobre a história de desenvolvimento da vida no Araguaia, outro recorte de destaque se apresenta no decorrer do movimentado século XX, um fato resultante dos horrores de uma ditadura militar, a guerrilha do Araguaia.

O conflito armado, que envolveu várias cidades de Tocantins (antigo território de Goiás), Maranhão e Pará, teve início no ano de 1967, quando Osvaldo Orlando da Costa chegou à região para estabelecer o primeiro destacamento guerrilheiro. A motivação central para a adesão ao movimento derivava das lutas promovidas pelo Partido Comunista do Brasil, que liderava investidas contra o governo ditatorial então estabelecido no país. Composto por cerca de oitenta indivíduos, o grupo de guerrilheiros se instalou na região norte do Araguaia, adotando um estilo de vida baseado na pesca e na agricultura, similar ao das comunidades locais.

A escolha, do Araguaia como centro de irradiação revolucionária apenas aproveitou da inquietação fundiária que surgia na região com implantação de diversos projetos de colonização, mas principalmente por ser isolada e sem fiscalização e defesa federais. (Borges, 1987, p. 286).

O grupo encontrou certa estabilidade até 1971, desenvolvendo suas atividades e prosperando na região, entretanto, devido a algumas buscas e traições o governo tomou conhecimento do movimento, mobilizando três operações para desmanchá-lo. A primeira, denominada por Bico de Papagaio, enviou tropas despreparadas para o combate de áreas florestais, sendo derrotada pelos guerrilheiros que segundo Durval Rosa “já conviviam com a mata” (1987, p.288).

Após algum tempo de planejamento, a segunda operação, de codinome Sucuri, se empenhou em reconhecer o local e preparar o exército para um ofensiva futura, se voltando a disfarçar militares em fazendeiros, interessados em comprar terras e contratar civis. Após o fracasso anterior, uma última ofensiva recaiu sobre a região, nomeada Marajoara, apresentou a face da violência e da repressão, torturando e prendendo moradores locais, invadindo casas e matando aproximadamente sessenta guerrilheiros.

O embate sustentado por aproximadamente três anos ficaria registrado como uma das maiores guerrilhas rurais do país, em uma região pouco povoada e mal administrada que elucidaria toda a desproporção das ações governamentais. Dentre as disparidades deixadas para o registro da história, talvez a mais relevante se apresente no número de tropas empenhadas na empreitada anticomunista, mobilizando centenas para exterminar uma quantidade ínfima de revolucionários, descontentes com a realidade de sua nação.

De várias fontes surge a cifra total de 10,000 homens do governo empenhados na campanha antiguerrilheira que, segundo palavras do general Viana Moog, foi o “maior movimento de tropas do exército semelhantes à mobilização da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na segunda guerra”. [...] A desproporção entre causa e efeito – 60 guerrilheiros e 10,000 soldados – mostra que, fora o despreparo inicial das tropas e efetivos federais, devem ter sido consideradas outras questões como treinamento, transporte, mobilização e luta jamais reveladas, mas inseridas no contexto do “silêncio tático”. (Borges, 1987, p. 290).

Retratos mínimos de uma grande história, que se construiu a base de coragem, sangue e lágrimas, um pequeno recorte do que a vida carrega ao longo das correntezas do tempo, às margens de um majestoso gigante da natureza. Uma história que em maior ou menor grau reverbera com a passagem das décadas, que se apresenta a todos que dela tentam se beneficiar, que buscam compreender as raízes para saber quão distante chegarão as folhas.

Sob essa ótica, o Araguaia se apresenta no século XXI como uma zona de resistência e esperança, observando todo um amálgama de vivências a sua volta e mantendo vivas as

expectativas de uma história longínqua. Para o cerrado, suas águas figuram como âncoras para os resquícios de um bioma tão vasto, devastado graças aos avanços da grande máquina do capital, que cada vez mais consome suas parcelas de natureza.

Graças aos massivos movimentos anuais de turistas, a preservação da natureza a suas margens se torna indispensável às comunidades que se sustentam através dos visitantes, dessa forma, as questões ambientais se mostram mais aparentes. Certo dizer que, se comparados a devastações observadas em outras partes do Cerrado, a preservação do Araguaia não se mostra como um contrapeso de alta eficiência, porém, permite que futuras gerações compartilhem uma fração das maravilhas a muito observadas por Couto de Magalhães. Que por uma vez mais possam compreender toda a beleza do majestoso Ber-ô-can<sup>3</sup>, que junto a ele possam navegar por cada minúcia da história e da natureza do Cerrado brasileiro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tratando das bases do sistema-mundo, as concepções estabelecidas graças as interconexões globais auxiliam a criar paralelos entre cenários próprios e complexos, emaranhados a uma grande rede de dependências complexas. As breves observações dos vários ambientes sustentados as margens de grandes rios mundiais implicam em traçar paralelos naturais, que a princípio apresentam simples padrões em seu desenvolvimento, entretanto, se mostram profundamente correlacionados.

Sem água a vida não se sustenta facilmente, dessa forma, vestígios da construção social são facilmente registrados para a história, principalmente através da agricultura, desenvolvendo novas técnicas e aproveitando de conhecimentos previamente adquiridos. Isto posto, trabalhar o olhar técnico e histórico possibilita encontrar padrões seguidos naturalmente pela mente humana, que mesmo inconscientemente afirmam o cerne do que faz prosperar a vida em sociedade.

Ao observar um Egito tão dependente de uma força natural como o Nilo, sustentado graças ao que simplesmente parecia um milagre da terra, encontram-se paralelos sólidos quanto ao poder real e filosófico das águas. Ao empenhar tempo e força na criação de canais e lagos

---

<sup>3</sup> Um dos primeiros nomes dados ao rio Araguaia. De origem *Carajá*, se traduz para o português como *Rio Grande* (Borges, 1987 p. 13).

artificiais, justificavam a necessidade de sempre retomar o contato com o que para a vida era primordial, a evoluir sem abandonar os poderes do ambiente.

Em correlação com o Araguaia, tornam-se nítidas as métricas atingidas gradativamente quanto a adaptação das sociedades ao meio, onde mesmo após séculos de evolução técnica e intelectual, percebem-se as mesmas bases de contato com o ambiente. Nesse sentido, ainda que vivessem em um mundo político e econômico completamente distinto, as pessoas almejavam compartilhar das mesmas dádivas que outrora beneficiaram a humanidade, buscavam a recepção divina da natureza intocada.

Vencidos os percalços de um estabelecimento complexo, o que permanece são as histórias, os caminhos traçados pela vida para encontrar um fim prévio, que as margens de tantos rios se repetem e se justificam. Graças a sua localização privilegiada, o Danúbio concentra grande parte das narrativas políticas, econômicas e sociais que permearam o pensamento humano ao longo dos séculos, como palco para tantas tramas concebidas pelo espírito da dominação e do progresso.

Suas margens encontraram a gênese de paixões, preconceitos, conflitos e dependências, e alheio a suas motivações às uniu sob um único fluxo, que pela eternidade justificaria o caráter do que se compreende como uma natureza humana. Sob essa ótica, a filosofia de um caminho natural justifica os pormenores de uma história complexa, que nunca se verá atrelada a um espaço específico, que mesmo a contragosto será verificada por outros núcleos sociais, em maior ou menor intensidade.

Em suma, interpretar as narrativas desenvolvidas por realidades divergentes implica em relacioná-las em certo grau, graças a compreensão de que em algum ponto estarão emaranhadas pela banalidade da vida. Pequenos reflexos de uma história compartilhada, que sustenta fatos em detrimento de perdas relevantes, que ao mesmo tempo propaga a moralidade da fé e permite a devastação do que não lhe afeta diretamente.

Quanto às guerras e conflitos, talvez sejam o alicerce para se compreender essa real concepção da vida humana, onde no Danúbio ou no Araguaia encontra-se o derramamento de sangue irmão, que escorre sem preocupação ética ou empática. Um mórbido reflexo do que para a história é natural, tratado vez ou outra com certa banalidade, naturalizada graças a busca por novos limites evolutivos para a vida, onde pouco importa o caminho se o objetivo qualifica a coletividade.

Como aspecto final, um mundo que ao mesmo tempo se distingue e se assemelha, ao passo que apresenta a possibilidade do que pode vir a ser, uma evolução natural ou apenas mais uma reverberação das narrativas. Olhar o Mississippi reflete em lembrar um passado breve, compartilhado graças a um período de grandes inquietações, uma busca desenfreada pelo novo mundo inexplorado. Nesse sentido, tanto o gigante norte americano quanto o Araguaia compartilham da mesma lente histórica, voltada a um mundo que tentava encontrar firmamentos para a vida em sociedade.

Um mundo que, em certo grau, buscava mimetizar o que de melhor foi produzido e adaptar a vida a um cenário totalmente distinto, importando técnicas, compartilhando vivências e repercutindo incertezas, validando assim o caráter empírico da vida em sociedade. Como destaque, talvez o uso das águas e o papel dos rios na construção de comunidades modernas seja o principal aspecto dessa correlação empírica.

Para os humanos fixados às margens de ambos os caminhos naturais, aprender a conviver com as mudanças e as especificidades de cada região significou a prosperidade de seus povos. Nesse sentido, transpor as perigosas correntezas do Araguaia ou construir pequenas represas em trechos do Mississippi se mostraram tarefas fundamentais, que por meio da coragem pavimentaram os rumos de cada nação.

Isto posto, observar o Araguaia em relação a outros rios do mundo auxilia a fundamentar toda a relevância do rio para a construção de um meio social próprio, um pequeno mundo sustentado pelos reflexos de uma grande história complexa. Que através dos erros e acertos da humanidade, consegue traçar suas próprias margens sociais, abrindo caminho para um futuro de novas incertezas. Traduzindo pelos sistemas mundiais o que por vezes é esquecido por seus observadores, que não o percebem como um participante do grande meio histórico e geográfico que o circunda, como imperador de seu mundo único e imensurável.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, José A. Lindgren. **Os Novos Bálcãs**. Brasília: FUNAG, 2013.

APROSOJA. Associação Brasileira dos produtores de Soja. **História da soja no Mato Grosso**. 2020. Disponível em: <https://www.aprosoja.com.br/soja-e-milho/a-historia-da-soja>. Acesso em: 30 out. 2023.

ARRAIS, Cristiano. ARRAIS, Tadeu. OLIVEIRA, Eliézer. **O século XX em Goiás**. 1ª Edição. Goiânia: Cãnone, 2016.

BAKOS, Margaret Marchiori. SILVA, Maria Aparecida. **Deuses, mitos e ritos do antigo Egito**. Alemanha: Morebook, 2017.

BORGES, Durval Rosa. **Rio Araguaia corpo e alma**. São Paulo: Ibrasa, 1987.

CABRAL, Ricardo Pereira. Uma análise de História Militar Comparada entre a Batalha de Memphis e Batalha de Riachuelo. **Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil**. Rio de Janeiro, V. 11, no 22, p. 75-90 – 2015. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/575/553>. Acesso em: 25 out. 2023.

MAGALHÃES, Couto de. **Viagem ao Araguaia**. Brasília: Brasiliana, 1975.

MAGRIS, Claudio. **Danúbio**. São Paulo: CompanhiaDeBolso, 2008.

MAZOYER, Marcel. ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

MOORE, Deborah. **O que podemos aprender com a experiência do rio Mississippi**. Nova York: EDF, 1994. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/o-que-podemos-aprender-com-experiencia-do-rio-mississipi>. Acesso em: 25 out. 2023.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. OLIVEIRA, Eliézer. **Manoel Buarque: Tocantins e Araguaya**. Curitiba: CRV, 2022.

RAINES, Amelia. **Mapping Life on the Mighty Mississippi**. Lybrary of Congress, 2022. Disponível em: <https://blogs.loc.gov/maps/2022/10/mapping-life>. Acesso em: 23 out. 2023.

WALLERSTEIN, Immanuel. Análise dos sistemas mundiais. *In*: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

WALLERSTEIN, Immanuel. **World-Systems Analysis: an introduction**. Duke University Press, 2004.

WELLS, Peter S. Creating an Imperial Frontier: Archaeology of the Formation of Rome's Danube Borderland. **Journal of Archaeological Research**, v. 13, n. 1, p. 49-88, 2005. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10814-005-0810-y>. Acesso em: 22 out. 2023.

WOOD, Michael. Raízes. *In*: WOOD, Michael. **História da China: o retrato de uma civilização e seu povo**. São Paulo: Editora planeta do Brasil, 2022. p. 27-53.

YOYOTTE, Jean. O Egito faraônico: sociedade, economia e cultura. *In*: MOKHTAR, Gamal. **História geral da África II**. Brasília: UNESCO, 2010.